



GT 051. Performances e marcas da religião na cidade

Emerson Giumbelli (UFRGS) - Coordenador/a,
Edilson Pereira (UERJ) - Coordenador/a, Christinã
Vital da Cunha (Universidade Federal Fluminense)
- Debatedor/a

O tema da religião encontra na Antropologia uma longa tradição, com pesquisas seminais sobre o seu papel na vida social e suas formas de expressão material e simbólica. Performance, por sua vez, tornou-se tema de estudo antropológico especialmente nas últimas décadas do século XX, em profícuo diálogo com outros campos de conhecimento. Notabilizou-se, sobretudo desde os anos 1990, a presença da religião em gramáticas e estéticas acionadas por atores identificados com os mundos da política, da cultura, do turismo, do crime em interações materializadas e/ou que se desenrolam em áreas públicas, periferias e outros espaços urbanos. Ao aproximar esses temas, o GT busca avançar sobre fronteiras conceituais e metodológicas na investigação de modalidades de ação e comunicação no espaço urbano, dando ênfase a performances e materialidades. Trata-se de uma via de acesso aos processos sociais que refletem o papel da religião na experiência urbana e nas modalidades de compreensão da cidade. Deste modo, interessam-nos estudos etnográficos que enfatizem composições, conexões, controvérsias e disputas entre atores sociais que articulam espaço urbano e religião a partir de performances e marcas (monumentos, arquiteturas etc.) com inflexões mais amplas na vida social. Nosso objetivo é reunir estudiosos que, interessados em dinâmicas do religioso da e na cidade, apresentem abordagens criativas sobre movimentos e interseções performadas entre valores, estéticas, territórios e temporalidades.

Performances, marcas e ruínas da cidade no sagrado transgressor de Linn da Quebrada e Baco Exu do Blues

Autoria: Paola Lins de Oliveira

Linn da Quebrada, artista multimídia, lança em 2017 o álbum Pajubá combinando rap e funk. No mesmo ano, Baco Exu do Blues, nome artístico de Diogo Moncorvo, cantor, rapper e compositor, lança seu primeiro álbum solo, Esú. Os nomes prefaciam alguns dos seus sentidos sagrados: Pajubá é um vocabulário combinando língua portuguesa e línguas africanas usado por praticantes de religiões afro-brasileiras e pela comunidade LGBT; Esú é a grafia de Exu em Iorubá, orixá associado à comunicação, à encruzilhada. Os sinais sagrados se multiplicam em diversas músicas dos álbuns. Entre versos contundentes que denunciam o extermínio das travestis e transexuais (‘Baseado em carne viva e fatos reais/É o sangue dos meus que escorre pelas marginais? Bomba pra caralho’), e que afirmam a importância do enfrentamento (‘ser bicha não é só dar o cu é também poder resistir? Muito talento’), Linn aborda o sagrado em Blasfêmea, título do clipe da música Mulher. Nele, performa uma travesti em becos escuros. A voz em off recita: ‘De noite pelas calçadas/Andando de esquina em esquina/Não é homem nem mulher/É uma trava feminina/Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios/Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação/É favela, garagem, esgoto?’. Em uma entrevista, a artista explica: ‘blasfêmea é um ato profano de ocupação e invasão?’. Trazendo Exu no nome, combinado com o deus romano do vinho e da festa, Baco Exu do Blues mescla mitologias afro-brasileiras, romanas e nórdicas para falar de vida, morte, divino, humano, racismo, violência, sexo e amor. É nas ruas da cidade que Baco vive parte das experiências que traz em suas músicas. Nelas, canta o torpor da vida minada pelo racismo (‘Todo morto é negro/Vocês são cegos/Meu som é o braille do gueto? Abre Caminho’); a sede de justiça culminando em um juízo final (‘Vi os prédios subindo/A mata acabando/Aproveitei e arranhei o céu/ Vi minha raça sumindo/Vocês nos matando/Aproveitei e levei todos pro céu? - idem’), entre outras referências. Na canção que dá nome ao álbum, Baco anuncia a autosacralização pela via do temor (‘Sinto que os deuses têm medo de mim/Medo de mim/Metade homem, metade deus e os



dois/Sentem medo de mim [...] / O mundo é fruto da nossa imaginação / Será que somos deuses ou sua criação? ? Esú). É nas ruas que Linn e Baco vislumbram a morte, a violência, o risco de aniquilação. Nelas experimentam o medo e também o desejo, ao mesmo tempo em que inspiram medo e desejo, acionando o mecanismo de atração e repulsão de um sagrado ambíguo e transgressor. É também na rua que vivenciam uma potência transgressora e blasfema que os impulsiona à resistência e re-existência. A proposta é recuperar os contornos desse sagrado contrahegemônico que emerge principalmente no espaço urbano, à margem do sagrado hegemônico.



Realização:



Apoio:



Organização:

